



ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA CACIQUE ONOFRE KANHGREN: DIFICULDADES NA EFETIVAÇÃO DE UMA GEOGRAFIA INTERCULTURAL

Jaqueline de Paula Sabino

jakelinee222015@gmail.com¹

Rafaela Vieira Naiwerth

naiwerthrafaela@gmail.com

Resumo

A educação indígena se apresenta ainda nos dias atuais com muitas dificuldades em relação a aplicação da educação intercultural nas escolas, são inúmeros os fatores que contribuem para essa deficiência, assim, como são inúmeras as possibilidades de mudanças, neste sentido este trabalho vem com o objetivo de relatar e analisar as dificuldades enfrentadas pelos professores na Escola Indígena Cacique Onofre Kanhgren, em desenvolver metodologias pedagógicas para trabalhar a geografia de maneira diferenciada, assim como as demais disciplinas, além de, despertar uma reflexão sobre possíveis melhorias no ensino e efetivação de uma geografia intercultural.

Palavras-chave: educação intercultural, escola indígena, geografia.

Introdução

Trabalhar a geografia em sala, em alguns momentos pode ser algo muito simples, porém, em outros pode se tornar um desafio, explicar aos alunos de 6º ano, por exemplo, como desenvolvemos o olhar geográfico em relação aos lugares vivenciados por eles em seu dia-a-dia pode ser algo fácil e até mesmo divertido de se ensinar, uma vez que os alunos podem reproduzir os trajetos que realizam de suas casas até a escola.

Mas, essa facilidade não ocorre quando se trabalha com temas mais complexos, como por exemplo, a distribuição de renda, considerando que é preciso explicar aos alunos que as pessoas são remuneradas de acordo com sua profissão, nível de escolaridade, e que isso ocasiona a desigualdade social, ou seja, há um nível de complexidade neste temática, portanto é preciso que o professor tenha jogo de cintura para saber lidar com as diferentes situações.

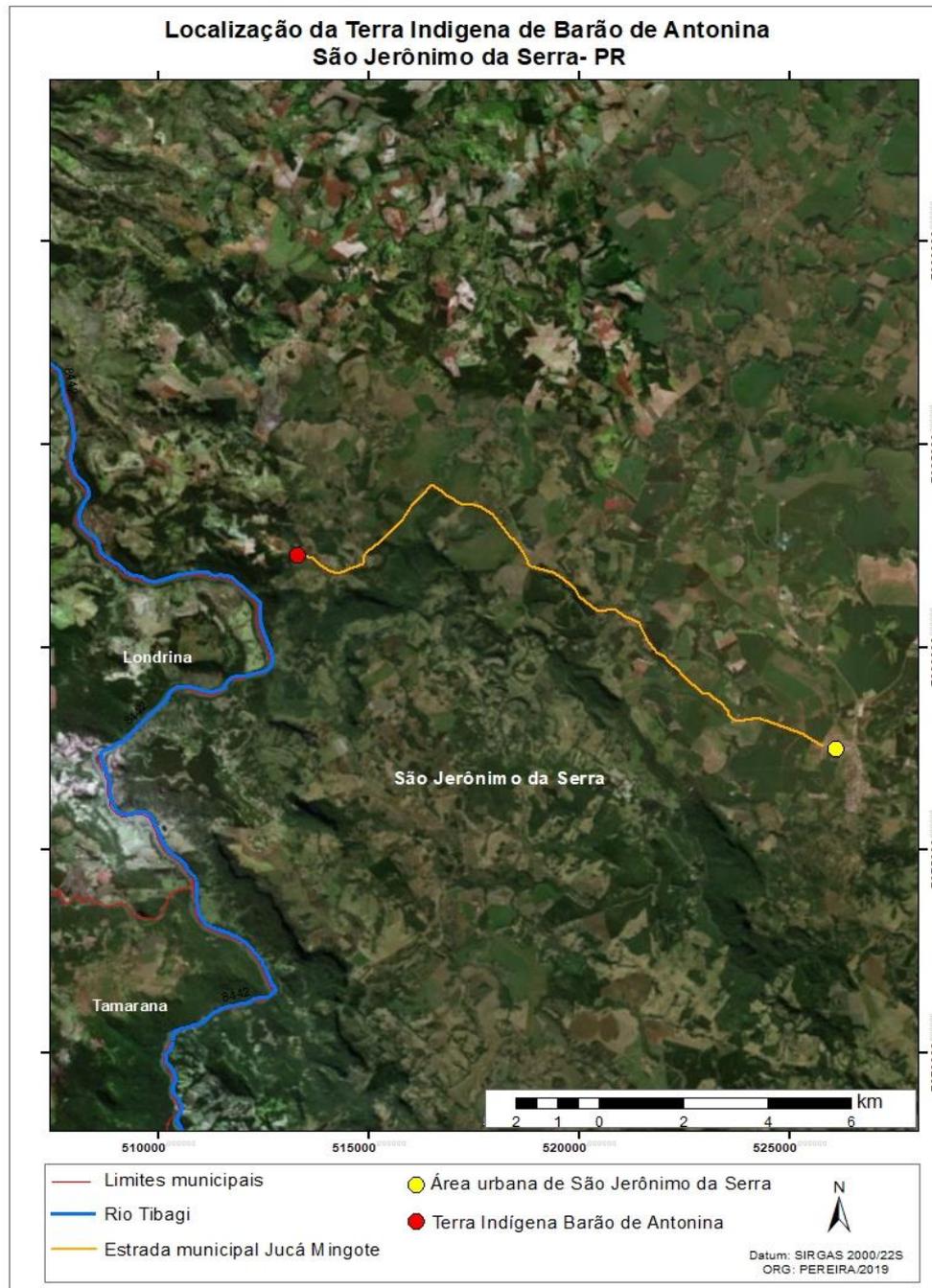
¹ Discente do curso de Geografia (Licenciatura), na UEL – Universidade Estadual de Londrina.

A disciplina de geografia traz muitas possibilidades de ensino, visto que ela permeia entre o conhecimento físico e humano, possibilitando uma mescla entre as aulas, a depender da criatividade e das metodologias utilizadas pelo professor. Trabalhos de campo são muito bem aceitos pelos alunos de todas as idades, pois, proporcionam uma quebra dos métodos tradicionais de ensino, o que acaba por despertar no aluno um maior interesse pela aula e pelo conteúdo proposto.

Apesar da geografia oferecer um enorme leque de possibilidades de ensino, o aprendizado de fato vai depender muito do desempenho do professor, conseqüentemente, deve-se considerar que o desempenho do professor também depende das possibilidades que a escola oferece a ele, neste sentido é preciso considerar o contexto em que a escola está inserida e quais são as ferramentas disponíveis para o processo de ensino aprendizagem, são eles que determinam critérios para avaliação tanto do professor quanto do aluno.

A Escola Estadual Indígena Cacique Onofre Kanhgren, localizada no município de São Jerônimo da Serra-PR, mais especificamente na Terra Indígena Barão de Antonina é uma das 38 escolas indígenas do Paraná. O objetivo deste trabalho é analisar como a educação intercultural tem sido desenvolvida nesta escola, sobretudo na disciplina de geografia, apontar as dificuldades encontradas pelos professores, além de sugerir uma reflexão sobre possíveis melhorias na efetivação de uma geografia intercultural de sucesso.

Mapa 1: Localização da Terra Indígena de Barão de Antonina



Fonte: PEREIRA, 2019.

Referencial Teórico

Apesar da pouca visibilidade, os povos indígenas ainda são muitos e diversos, sendo cerca de 300 etnias espalhadas pelo território brasileiro, falantes de cerca de 270 línguas diferentes, entretanto, esse número torna-se praticamente insignificante se comparados com os números de 1500, ano em que se iniciam os massacres contra esses povos, massacres os quais nunca chegaram ao fim. “O etnólogo Curt Nimuendaju assinalou no seu mapa étnico histórico a existência de cerca de 1400 povos indígenas no território que correspondia ao território do descobrimento.” (OLIVEIRA, 2006, p.21).

Massacre, genocídio, estupro e dor, foi o legado que os europeus deixaram a esses povos que ainda se mantem de pé, resistindo a uma guerra travada há 1519 anos, na luta por direitos, direitos estes negados pela elite brasileira. O direito à terra, o direito de manter suas culturas, o direito de viver conforme suas tradições, direitos que sequer deveriam ser requisitados, considerando que foram eles os primeiros habitantes deste território.

Quando aqui chegaram os portugueses uma população já habitava estas terras, uma população desprovida de interesses econômicos, suas relações com o meio eram de troca mútua, mas a ganância do homem branco em busca de lucro, trouxe a fome, a escravidão e a tristeza.

Marcílio lembrou a de população sofrida pelas populações indígenas através de guerra de conquistas, extermínio e escravização, além do contágio de doenças, como varíola, sarampo e tuberculose, que dizimavam grupos inteiros rapidamente, sofrimento testemunhado por jesuítas como José de Anchieta e Manoel da Nóbrega (OLIVEIRA, 2006, p.23).

Em 1988, quase 500 anos depois da chegada dos europeus em território brasileiro, a população indígena consegue uma garantia de ter suas terras reconhecidas por lei e também de serem reconhecidos como cidadãos brasileiros, processo tardio e ao mesmo tempo desnecessário, pois, neste caso o processo teria que ser reverso, visto que não há sentido algum em reconhecer direitos e cidadania a um povo originário e detentor do território.

A Constituição Federal de 1988, assegura aos indígenas direitos essenciais para a sua existência, como a terra, a cultura, a educação diferenciada, entre outros, que não cabe ser aprofundado aqui, pois não é este o foco deste trabalho.

A Constituição Federal assegurou a eles o uso de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem, devendo o Estado proteger suas manifestações culturais. Dessa forma, fica garantido às comunidades indígenas o acesso a uma escola com características específicas, que busque a



valorização do conhecimento tradicional vigente em seu meio, ao mesmo tempo em que forneça instrumentos necessários para enfrentar o contato com outras sociedades. (FLEURI, 2003, p. 21)

A educação tem sido uma arma muito importante na luta dos povos indígenas em defesa dos seus direitos, é por meio dela que esta população tem se auto afirmado diante de uma sociedade cada vez mais opressora e injusta, com os menos favorecidos sobretudo com as populações originárias deste país, sendo assim as escolas indígenas buscam desenvolver um trabalho que envolva conhecimentos científicos com conhecimentos ancestrais de forma que os alunos possam compreender de onde vieram, para onde estão caminhando e como podem utilizar o conhecimento a favor do seu povo.

A educação é uma importante contribuição para que seja possível uma mudança por uma sociedade que discuta as diferenças culturais, levando-se em conta o necessário reconhecimento da legitimidade das diferentes culturas. Para tanto, é imprescindível haver, no âmbito escolar, espaço para discussão e estudos de temas que envolvam questões interculturais, uma vez que as diferenças, muitas vezes, geram tensões e conflitos (SILVA e REBOLO, 2017, p. 189).

A educação indígena é uma conquista base para o desenvolvimento das futuras gerações, ela proporciona um diálogo entre culturas, de forma que o indígena não precise sacrificar seus costumes e crenças para obter novos conhecimentos.

Nas últimas décadas as comunidades indígenas têm buscado construir projetos de educação escolar diferenciada em contraposição à tradição assimilacionista e integracionista de experiências escolares vivenciadas do período colonial até recentemente. Estas experiências tinham como uma de suas finalidades o apagamento das diferenças culturais, tidas como entraves ao processo civilizatório e de desenvolvimento do País (PARANÁ., 2013, p. 357).

A filosofia das escolas indígenas é proporcionar aos alunos uma educação intercultural, buscando sempre a valorização da cultura e costumes tradicionais, mas isso não significa que o ensino deve ser menos científico e sim que ambos devem se conectar e interagir entre si, e como pode-se imaginar isso não é uma tarefa fácil, exige muito esforço e comprometimento.

Para tanto, a escola deve realizar um trabalho que vise ao desenvolvimento de ações que dialoguem com diversos conhecimentos e saberes, diferentes linguagens, distintas estratégias e recursos pedagógicos, entendendo a relevância de promover o reconhecimento das diferenças sociais, de defender e buscar os direitos, de evitar preconceito e discriminação, em fim, de tornar a escola um lugar plural (SILVA e REBOLO, 2017, p. 183).

O desenvolvimento de trabalhos e estratégias não cabe apenas ao professor, porém ele pode se tornar o impulsionador dessas iniciativas, a educação intercultural dentro das comunidades indígenas exige uma relação de troca de conhecimentos entre professores e comunidade, considerando que nem sempre os professores são indígenas essa relação se torna um pouco mais difícil, podendo haver neste caso um choque cultural.

Santos (2013, p. 2) traz considerações importantes para reflexão do ensino de geografia que leve em conta o conhecimento acumulado pelo aluno, em sua vida cotidiana.

Ao resgatar o lugar que o aluno mora, suas vivências, suas relações com o espaço e com a sociedade, a Geografia torna-se mais próxima, pois pode ultrapassar a teoria trazida nos livros, uma vez que pode ser associada ao convívio social e alargar as possibilidades de ensino. Aproveitar a fala e as experiências dos alunos é considerá-lo sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem, não mais como um receptor de informações prontas, mas como um sujeito que pode contribuir para a construção do conhecimento.

A geografia intercultural, sobretudo, nas escolas indígenas deve ter como base os apontamentos feitos por Santos em busca de um diálogo entre professores e alunos, eliminando por completo metodologias ineficientes como a famosa educação bancária descrita por Paulo Freire, dar voz e espaço ao aluno é a chave que abre portas ao conhecimento, neste caso o conhecimento mútuo.

Nesse sentido, à disciplina Geografia cabe não somente levar o aluno a um entendimento da dimensão espacial da sociedade como um todo, mas, encontrar meios de contextualizar esse ensino, considerando também o espaço vivido do/pelo aluno, uma vez que é relevante que ele entenda sua própria realidade e os fatores que influenciam diariamente sua vida. Consideramos, portanto, que o aluno traz consigo, para dentro da escola, experiências de vida conforme o seu lugar, a sua realidade social; sendo o lugar um espaço vivenciado, possui uma cultura geográfica (SANTOS, 2012, p. 2).

A cultura geográfica e o contexto social de um aluno indígena trazem experiências totalmente diferentes de um aluno não indígena, logo a sua relação com a escola também será diferente e, portanto, a escola indígena deve trazer em suas bases parâmetros específicos como o bilinguismo, a especificidade e a interculturalidade.

Procedimentos Metodológicos

Para a construção do presente artigo, foi realizada uma pesquisa em grupo, por meio de perguntas, com os professores do ensino fundamental anos finais da Escola Estadual Cacique



Onofre Kanhgren, a qual ocorreu no dia 26 de março de 2019. As perguntas, foram direcionadas ao grupo e, também direcionadas, especificamente, ao professor de geografia.

Entretanto, não estavam presentes os 9 professores, desta forma participaram da roda de conversa apenas 8 deles, que atuam nas seguintes disciplinas: ciências, matemática, língua inglesa, língua portuguesa, língua kaingang, história, educação física e geografia. Dos quais 4 são indígenas e os outros 4 não são indígenas.

As perguntas destinadas ao grupo de professores foram as seguintes:

1. Os programas integrados têm sido suficientes para a construção de uma educação intercultural?
2. Os materiais didáticos e a estrutura das escolas são compatíveis com a educação intercultural?
3. A escola tem proporcionado aos alunos as diferentes modalidades do conhecimento?
4. A escola já fez alguma solicitação de formação inicial e continuada de professores?
5. Quais são as dificuldades encontradas na educação intercultural?

E especificamente ao professor de geografia foram;

1. Consegue realizar atividades interculturais na disciplina?
2. Se sim quais já realizou e ainda realiza?
3. Suas aulas são baseadas no Referencial Curricular para as Escolas Indígenas?

Ainda, foi realizada uma terceira etapa, onde, os professores responderam em um papel, de forma individual a seguinte questão: Na sua concepção, qual a importância das festas típicas para os alunos? Como contribuem na aprendizagem?

Resultados

A Escola Estadual Indígena Cacique Onofre Kanhgren comporta atualmente 82 alunos no total (ensino fundamental anos iniciais e anos finais), e 21 professores, sendo 12 indígenas e 9 não indígenas, a sua missão é formar alunos a partir de uma didática intercultural, ou seja, trabalhando com formas diferenciadas das demais escolas, considerando o contexto em que

está inserida, as formas como a comunidade se relaciona, e as metodologias possíveis e compatíveis com a mesma.

Trabalhar a geografia em uma escola que está localizada em uma zona rural em primeiro momento parece ser muito bom, visto que trabalhos de campo são possíveis e a relação com a natureza é muito fácil, entretanto na prática não é algo tão simples como se imagina, a educação intercultural exige um certo esforço por parte do professor, pois, relacionar diversos conhecimentos uns com os outros, pode ser muito enriquecedor, mas ao mesmo tempo cansativo e, também complicado para os próprios professores.

Como citado anteriormente, a entrevista foi realizada com os professores do ensino fundamental anos finais, dos quais obteve-se as seguintes respostas:

- A escola oferece cursos de formação continuada periodicamente aos professores, para que estes se capacitem cada vez mais para ensinar a partir da proposta de educação intercultural;
- A escola possui material didático, porém estes são insuficientes para a quantidade de alunos, que são obrigados muitas vezes, a utilizar os livros didáticos em grupos, além de serem inadequados a educação intercultural, levando os professores a ter que produzir seus próprios materiais didáticos;
- A escola possui uma biblioteca de livre acesso aos alunos, entretanto, conta com pouca diversidade literária e o espaço é muito pequeno para que os alunos usufruam dele;
- Não possui sala de informática, privando os alunos de um de seus direitos, o acesso à tecnologia;
- Todos os professores consideram que seus alunos respondem bem a bem a educação intercultural trabalhada por eles, e dizem não ter grandes dificuldades para trabalhá-la, a não ser pelo pouco material disponível.

De acordo com o professor de geografia faz-se o possível para que o aluno consiga ter um bom desempenho, os materiais didáticos utilizados são os disponíveis na escola, como os livros didáticos, mapas e pesquisas de campo, ressalta, ainda, que os mapas estão todos desatualizados.



Quando questionado sobre o desempenho dos alunos o professor diz que os alunos tem demonstrado um desempenho significativo, as dificuldades são poucas entre os alunos de 6º a 8º anos, sendo mais acentuadas nas turmas de 9º ano, segundo o professor não é uma tarefa difícil trabalhar com a educação intercultural, pois, os alunos se identificam com as atividades propostas.

Em relação a pergunta (Na sua concepção, qual a importância das festas típicas para os alunos? Como contribuem na aprendizagem) respondida individualmente pelos professores, a seguir apresenta-se três, as quais chamaram mais atenção:

É importante porque é através das festas realizadas na aldeia que os alunos conhecem um pouco da nossa cultura, e qual a importância que ela nos traz. Isso ocorre através de comidas típicas, danças indígenas e jogos indígenas. Isso contribuem para a sua aprendizagem e principalmente a valorização e a preservação da cultura indígena nos dias atuais (PROFESSORA DE HISTÓRIA, 2019).

As festas típicas são de muita importância na construção da aprendizagem, pois retomam valores culturais de seus ancestrais. Uma vez que na contemporaneidade a influência de outras culturas podem apagar os costumes indígenas, o que não pode ocorrer, pois revelam a verdadeira identidade da cultura, por meio de jogos e danças típicas (PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2019).

É importante para o aluno, para estar reforçando esta parte cultural, para que ele nunca esqueça, e para que ao longo de sua jornada seja uma forma de manter a cultura viva, contribuem de forma indireta pois a interculturalidade não somente explicada no dia a dia mas também quando conciliamos a disciplina com a cultura sempre lembrando da importância de ser indígena e porque preservar a cultura (PROFESSORA DE GEOGRAFIA, 2019).

As respostas acima correspondem a dois professores indígenas e um não indígena, por meio das três falas fica claro que, todos entendem a valorização da cultura como um ponto mediador para o ensino-aprendizagem, considerando os relatos citados anteriormente, pelos mesmos professores, existe na escola uma empasse, entre a preocupação com o desenvolvimento de um ensino intercultural e as condições precárias da escola.

O ensino de geografia, assim como as demais disciplinas está comprometido pela falta de materiais didáticos, neste caso apontar caminhos para uma geografia intercultural neste contexto seria um luxo, visto que os problemas enfrentados por essa disciplina vão além do desenvolvimento de uma geografia intercultural, e se relacionam diretamente com a falta de ferramentas adequadas, resumindo-se apenas a criatividade do professor, ou seja, a geografia intercultural existe, porém muito deficiente.

Considerando que os alunos quando trabalham com o livro didático oferecidos a eles, não se reconhecem como parte desta sociedade, pois pouco se trata a questão indígena, os mapas em primeiro momento já se apresentam em uma escala global ao invés de partir da escala local, que seria a aldeia onde vivem, o acesso à internet não existe impossibilitando esses alunos de conhecerem diversas ferramentas geográficas que facilitariam a compreensão tanto dos conceitos quanto dos elementos geográficos.

De acordo com os relatos dos professores pode-se afirmar que a escola não oferece condições para o desenvolvimento de uma geografia intercultural de qualidade, nota-se nas falas do professor de geografia que existe uma preocupação que não é só dele, mas de toda equipe pedagógica, sendo assim a realidade presenciada é a de uma escola precária, com um ensino precário, que não supre as necessidades dos alunos enquanto estudantes indígenas e que para o desenvolvimento de uma geografia intercultural de sucesso se efetive de fato, é necessária antes de mais nada uma pressão maior da parte da equipe pedagógica aos órgãos responsáveis e provedores de recursos para a escola.

Considerações finais

A partir da entrevista com os professores e observações feitas na escola, fica claro que os alunos não possuem acesso a diversos materiais didáticos como mapas atualizados, que ajudam o aluno a construir uma noção de espacialidade em diferentes níveis (local, regional, global), livros didáticos que sejam suficientes para todos os alunos, material que dê suporte para acompanhamento do conteúdo, além de possibilitar ao aluno indígena o conhecimento das diferentes culturas que não seja a sua.

Vale ressaltar que a escola possui apenas 82 alunos, e aqui cabe salientar o descaso pelo qual a escola tem passado, fazendo com que os próprios professores elaborem seus materiais didáticos e comprometendo o processo de ensino aprendizagem, os livros literários que são importantíssimos para o desenvolvimento cognitivo da criança não estão disponíveis na biblioteca, privando os alunos de adquirirem novos conhecimentos e desenvolverem o hábito da leitura.



A escola não possui laboratório de informática, e isso quer dizer que os alunos não possuem acesso a rede mais acessada na atualidade para fins de pesquisas, são inúmeros os sites aplicativos e vídeos com conteúdo geográficos que possuem um poder imenso de chamar a atenção do aluno e transmitir novos conhecimentos, seja dos espaços, culturas, ou dinâmicas sociais, o que seria uma ferramenta para facilitar o ensino- aprendizagem se torna apenas mais um item ao qual os alunos não possuem conhecimento. E isso, com certeza irá afetá-los futuramente quando precisarem sair da escola indígena para o ensino médio ou superior, fora da aldeia.

A educação intercultural geográfica de fato acontece nesta escola, porém, deficiente, é preciso salientar que educação intercultural não significa resgate cultural, ou seja, é necessário unir conhecimentos científicos com conhecimentos tradicionais e modos de vida dos povos indígenas, mas isso não é possível sem as bases fundamentais que, neste caso, são os materiais didáticos e a infraestrutura escolar.

Em relação aos professores, se o corpo docente tem recebido formação continuada periodicamente, significa que estão aptos a trabalharem com esse tipo de educação e, como foi relatado na entrevista, eles têm feito o possível para oferecer aos seus alunos o melhor, sabe-se que o trabalho do professor é a principal ferramenta para o ensino, mas neste caso não tem sido o suficiente.

Portanto fica claro a falta de comprometimento da parte do governo do estado que de acordo com o decreto nº6.861, de 27 de maio de 2009 passa a ter como dever, dar apoio técnico e financeiro a educação indígena, disponibilizando, construção de escolas, produção de materiais didáticos entre outros, a falta de ferramentas básicas de conhecimento aos alunos é um desrespeito com aquela parcela da sociedade que é privada dos conhecimentos necessários nos dias atuais, para um desenvolvimento significativo, estes problemas não só refletem no desenvolvimento dos alunos do ensino fundamental e médio como também nos alunos ingressantes no ensino superior, que muitas vezes viram estatísticas de evasão acadêmica devido a sua má formação.

Referências bibliográficas

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Paraná**, 2013.



BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS ANÍSIO TEIXEIRA. **Estatísticas sobre Educação Escolar Indígena no Brasil.** Brasília, 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; UNESCO. **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias.** Org.: Luís Donisete Benzi Grupioni. Brasília, 2006.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e educação.** Revista Brasileira de Educação, Maio/Jun/Jul/Ago 2003 N° 23. P. 16-35.

SANTOS, Laudenides Pontes dos. **A relação da Geografia e o conhecimento cotidiano vivido no lugar.** Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 16, n. 3, set./ dez. 2012. P. 107-122.

SILVA, Vanilda Alves; REBOLO, Flavinês. **A educação intercultural e os desafios para a escola e para o professor.** Revista Interações, Campo Grande, v. 18, n. 1, p. 179-190, jan./mar. 2017.